

## ENCANTO E TRAGÉDIA NA GRUTA ENCANTADA

Cândido Eugênio Domingues de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** *Em janeiro de 1968, na cidade de Utinga, Norte da Chapada Diamantina, um grupo de religiosos, liderados por Pedro Nunes da Silva, conhecido como Pedro Velho, se instalou na Serra da Boa Esperança e começou um culto a Iracema, um ser encantado com corpo de serpente e cabeça de mulher. A serpente vivia sob as pedras, num lago subterrâneo, e seu desencantamento revelaria um tesouro de grande riqueza em ouro, diamantes e pedras preciosas. Muita gente foi viver na gruta na esperança da riqueza. Pedro fazia várias pregações, principalmente aos domingos. Após as “missas” ele liderava procissões pela região no entorno da gruta. Para o desencantamento de Iracema era necessário o sacrifício de algumas pessoas. Eles fizeram algumas expedições para prender suas vítimas, mas só tiveram êxito uma vez. Prenderam Zé Preto e na madrugada de 20 de janeiro ele foi imolado, sua cabeça foi esfregada nas pedras em honra à serpente. Uma expedição policial enviada pelo governo do Estado da Bahia invadiu a gruta e prendeu seus principais líderes.*

**Palavras-chaves:** Serpente encantada; Sacrifício; Boa Esperança; Utinga.

### INTRODUÇÃO

O território que hoje abrange o município de Utinga teve sua gênese a partir do grande movimento das lavras diamantinas. Num ponto equidistante entre os garimpos de Ventura (Morro do Chapéu) e de Lençóis, surgiu Riachão do Utinga, numa referência ao Vale do Rio Utinga. Essa povoação se desenvolveu tornando um dos mais importantes distritos do Morro do Chapéu devido sua atividade agrícola. Mais a Sul, um arraial de casebres de palha de ouricuri – daí seu nome de Palha – nasceu e se tornou local para o descanso das tropas. O povoado de Palha teria se transformado num reduto de bandidos e malfeitores logo reprimidos pelas forças do Estado no início do século XX.

O povo reconstruiu o arraial, sob liderança do Padre João Ramos Marinho e algumas outras pessoas, iniciando-se uma campanha emancipacionista vitoriosa a 27 de abril de 1953, no governo de Luís Régis Pacheco.

Localizados no piemonte da Chapada Diamantina setentrional, estão os municípios de Morro do Chapéu e Utinga. Ambos limitam-se ao Norte numa região denominada de Boa Esperança. Este prolongamento da Serra do Sincorá é uma região de desfiladeiros e pedras altas de encantadora beleza que, pelas ações do tempo e da geomorfogênese, formaram salões com teto entreaberto e piso de areia aos quais quis a nomenclatura popular denominá-los grutas. Verdadeiros labirintos de pedras encantam e ludibriam o homem. Se em idos antigos grupos populacionais – como demonstram inúmeros painéis pictóricos de tamanho diversos da região - já reconheceram seu poder de abrigo e de fornecimento de água, não foi diferente nos tempos atuais.

A Gruta da Boa Esperança – também há um povoado próximo de mesmo nome – foi cenário de um dos fatos mais enigmáticos e trágicos da história daquele município.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de História da Universidade Federal da Bahia – UFBA. [Candido\\_eugenio@yahoo.com](mailto:Candido_eugenio@yahoo.com). Orientadora – Edilece Souza Couto, Doutora em História e professora do departamento de História da UFBA.

Iniciava o ano de 1968, a Bahia vivia o governo de Luís Viana Filho, ano que seria de grande importância para os rumos do regime de Ditadura Militar sob o qual vivia o Brasil. Em Utinga, um movimento religioso embrenhado nas pedras da Boa Esperança estava para mostrar-se para o mundo com seus reais interesses: sacrificar vidas humanas para o desencantamento de uma serpente com cabeça de mulher que, vivendo no interior das pedras, guardava uma riqueza incalculável, bem como novos tempos de bonança.

## FONTES

Este é um objeto de estudo ainda guardado, senão nas pedras da Boa Esperança – por que não? – ao menos nos arquivos e na memória do povo que o viveu. Este trabalho não quer dar conta da história que ainda está por ser conhecida, mas é uma pequena contribuição para o não esquecimento de uma memória regional.

Para entender este fato podemos usar reportagens, cordéis, o processo crime, algumas referências em alguns livros que se propõem a fazer uma breve história municipal e um documentário produzido em 2002.

Ainda são necessárias pesquisas no Arquivo Público da Bahia (APB), nos Arquivos da Polícia Militar de Salvador, Itaberaba, Ruy Barbosa e Utinga, bem como no Arquivo Municipal de Utinga. Talvez estes arquivos não respondam a todas as nossas perguntas, contudo, ser-nos-ão muito úteis para conhecer a trajetória dos agentes históricos de Boa Esperança quanto às suas prisões, ao modo que as forças políticas os viram, quer no período que não passavam de homens que rezavam numa gruta, quer quando passaram a representar perigo para a sociedade.

Em fevereiro de 1968 o dito episódio foi capa por duas vezes no jornal *A Tarde* da capital baiana, e reportagem no *Jornal da Bahia*, na mesma cidade. O *Correio do Sertão*, quinzenário do Morro do Chapéu, noticiava em sua capa de 29-02-1968, e até maio reproduziu a reportagem veiculada pela *Folha de São Paulo*. Segundo informações de Numa Arlego Reis, o *Le Monde* parisiense o noticiara também.

Aa primeira obra a organizar os fatos e narrá-los foi *Gruta da Boa Esperança e seus fanáticos*, de autoria de Otacílio Novaes, um expoente das letras em Utinga, autor de numerosas poesias, marchinhas de carnaval e de São João e dos Hinos à Cidade de Utinga e ao Colégio Municipal Senhor do Bonfim.

Podemos encontrá-lo ainda na obra *Utinga das Águas Claras – entre presente e passado notas de história da Paróquia de Utinga*, escrita pelos religiosos por ocasião do centenário da Freguesia do Bom Jesus da Boa Esperança do Riachão do Utinga (1897-1987). E, ainda, em *Utinga e o que sei de você*, do professor Elione Gomes Bello (2003).

Apesar das indicações supracitadas, considero que o que mais pode se tornar revelador seja a história oral. Por ocasião do documentário foram feitas algumas entrevistas, as quais temos acesso pelo filme, mas que não açambarca todo o universo mental daqueles que sofreram sem ter ido à gruta, ou mesmo dos que viveram suas procissões.

## ENCANTO E TRAGÉDIA NA GRUTA ENCANTADA

O homem, a terra, a natureza. Euclides da Cunha já os uniram para noticiar os acontecimentos de Conselheiro e Canudos, certamente ele não foi o primeiro e eu não serei o último. Não precisamos sair da Serra da Atalaia, da qual a Gruta da Boa Esperança é um prolongamento, para encontrar essa relação. Homens de longínquos tempos já a abordaram

através de suas pinturas no painel rupestre da Pedra da Figura, localizado naquela serra. Nesse contexto é que se dão as relações humanas. Guerras e achamentos foram feitos por essa relação e através dela.

Ambos os cordéis e o documentário iniciam com uma apologia à natureza próxima da gruta e seu poder de encantamento sobre o homem. Também aqueles que conheceram o fato *in loco* falam do fascínio de Pedro pela gruta. Há, ainda, quem afirme que ela realmente tem algo mágico.

O medo, o sofrimento, as dificuldades, as conquistas e derrotas são, outrossim, inerentes a esse contexto.

Vinculados à vida rural do país, encontramos no meio brasileiro movimentos messiânicos cuja importância é grande, pois, conhecidos desde o início do século passado, ainda hoje continuam existindo. É difícil dizer qual a sua frequência e quantidade, somente os de maior vulto foram registrados, os quais, em geral, deram lugar a repressões sangrentas. No entanto, de acordo com as condições sociais em que se verificam estes, assim como as dificuldades de comunicação com as zonas em que geralmente se observam, é de supor que vários não tenham registros.<sup>2</sup>

As palavras de Maria Isaura Pereira de Queiroz, em muito podem nos ajudar a começar a compreender o episódio religioso de Utinga. Nesse não foi muito diferente, o local escolhido por Pedro Velho – ou pela “visão” – fora uma região distante da cidade, circundada por fazendas e pouca população. Também, como a própria autora diz, a falta de acesso aos grandes centros, ou até mesmo as “modestas” proporções desses movimentos, relegam muitos fatos desse caráter ao esquecimento ou ao desconhecimento, como tem ocorrido com os fiéis de Pedro Velho.

Pedro Nunes da Silva, filho de uma parteira conhecida por D. Duninha, tomado por uma “visão”, foi o protagonista e líder do que ficou conhecido como “fanáticos da Gruta”. Pedro recebera a missão de criar nessa gruta uma comunidade, que através de orações e sacrifícios, venceria os contratempos do fim da era – uma dezena de Bestas – Feras e um dilúvio<sup>3</sup> – alcançando assim a salvação. No entanto, teria, para dar início a sua fixação na gruta, de jejuar por seis meses, ficando sua alimentação restrita a água e frango assado sem sal. A isso seguiria uma peregrinação ao Santuário de Bom Jesus da Lapa para pagar uma promessa. Só depois de cumprido esse ritual, que nos parece de limpeza e passagem para uma nova jornada, Pedro Velho, como ficou conhecido, poderia inicializar as orações na Boa Esperança.

Após a viagem à Lapa, ainda no ano de 1967, Pedro Velho se alojou na gruta e começou a convidar as pessoas a visitá-lo e a rezar o Rosário e o Bendito. Adelmo Souza Belas, agricultor e produtor de rapadura da região, frequentador da gruta, convidou o padre João Ramos Marinho – por todos conhecido por Padre Ramos – para rezar uma missa na gruta.<sup>4</sup> A visita do padre de algum modo legitimaria o culto e atraiu mais fiéis; contudo, o vigário pediu-lhes que abandonassem o local e se quisessem poderia organizar uma romaria numa data pré-estabelecida. Pedro Velho, convicto em seus planos, não desistiu de sua missão e logo construiu um altar para São Cosme e São Damião - santos católicos muito cultuados nas zonas rurais, que tem no mês de setembro sua festa, momento em que se vê as tão frequentadas “rezas de Cosme” um misto de

---

<sup>2</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. 216.

<sup>3</sup> NOVAES, Otacílio. *Gruta da Boa Esperança e seus fanáticos*. p. 3.

<sup>4</sup> SOUZA, Dermival Silva e. *A Gruta da Boa Esperança*. São Paulo: CAJCA. 2004. p. 4.

Catolicismo e religiões afro-indígenas, momento também de encontro de amigos e matança de animais.

Na gruta, as pessoas eram convidadas para um culto todos os sábados e, como geralmente as pessoas vinham em família, Pedro logo sugeriu a construção de casebres nas frestas das pedras para abrigos temporários, os quais não tardariam a se tornar casas para os fiéis. Não sabemos ao certo a quantidade da população da Boa Esperança, mas é consenso que muita gente passou a habitá-la. Famílias, principalmente do distrito utinguense de Laginha, largaram suas terras, em geral pequenas propriedades, para segui-lo. Essas pessoas passaram a ser chamadas preconceituosamente de “povo da gruta”.

Pedro Velho auto-proclamou Governador da Gruta da Boa Esperança, mandou formar uma milícia que lhe jurou fidelidade e vestiu a todos, o próprio usava batinas brancas e rosários no braço e pescoço. A gruta já contava com várias mulheres e entre elas costureiras que se incumbiram da tarefa de vestir os “soldados”. Segundo Novaes, ele havia aludido à Monarquia e ao poder invencível que Iracema lhe daria.

Cada qual faça uma lança  
Com ferro bem afiado  
Lenço vermelho um gôrrro  
Com cruz vermelha d’um lado <sup>5</sup>

O “exército” de Boa Esperança contava com João Calango (cunhado de Pedro), João Bispo de Souza (vulgo João Gouveia), Aureliano Neves (vivia maritalmente com Justina “Valente”), Valdemir Batista, Henrique, Osvaldo, Josué, Valduvino Batista, Tibúrcio, Antônio Nunes, Ismael Nunes e Justina “Valente”, estes três últimos eram irmãos de Pedro, e Antônio era considerado “Sub-Governador” da Gruta.

Com as forças de Iracema  
Seremos bem garantidos  
Eu gritarei monarquia  
D. Pedro serei um dia  
Nunca seremos vencidos <sup>6</sup>

Notamos aqui o que Suess chama de “conflito com a autoridade pública”, a qual o messianismo está fadado por se organizar em uma “economia global fora das estruturas do país e independente delas”.<sup>7</sup> Boa Esperança não chegou a ter uma economia auto-suficiente, havia um comerciante de Utinga, chamado de Sinhô, que montara uma “venda” onde comercializava carne, farinha, feijão, arroz, sabão, rapadura. Havia até mesmo estoque. As famílias praticavam a agricultura e a criação. Segundo o jornal A Tarde

os fanáticos contavam com alimentação própria graças à agricultura e a criação de aves e carneiros dentro da própria gruta. Foram encontradas 500 galinhas e culturas de milho, aipim, feijão, abóbora, inhame e mandioca. Tudo foi destruído pela policia a fim de que o local não viesse a ser ocupado novamente pelos fanáticos.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 3.

<sup>6</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 5.

<sup>7</sup> SUESS, Paulo Gunter. O Catolicismo Popular no Brasil – tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Loyola, 1970. p. 64.

<sup>8</sup> FANÁTICOS de Utinga virão para a Casa de Detenção”. *A Tarde*. Salvador, 13 fev. 1968. p.1.

Não podemos afirmar até que ponto a criação chegava a número tão expressivo, mas é certo que a imprensa valorizou demais os fatos, mesmo porque suas informações são provenientes das forças repressoras. O mesmo jornal, em edição de 3 de fevereiro, traz números tão irrealistas quanto à quantidade de fiéis, “milhares de fanáticos”, como referente às dimensões geográficas de região - “mais de dois quilômetros de extensão, com cerca de quinhentos labirintos” -, quando não passa de um salão de pouco mais de 50 metros.<sup>9</sup>

Pedro organizou o culto. Apesar de analfabeto, “rezava a missa em Latim” e profetizava. Sua boa oratória convencia a todos os que o ouviam. Segundo Novaes, um rapaz, espectador de Pedro, havia afirmado que certa vez o sermão durara 3 horas e findado este, as pessoas estavam arrepiadas e choravam de emoção. É muito provável que o entusiasmo de Pedro e o ambiente religioso que criara com imagens católicas, velas e incenso, bem como sua batina e Bíblia faziam muito mais efeito que o próprio entendimento de seu “Latim”, que não devia passar de meras palavras decoradas do culto católico e aumentada com uma fonética parecida. Após a missa, Pedro saía em procissão pelo labirinto rezando e mandando as pessoas olharem os santos por entre as frestas das pedras.

Cantava missa em Latim  
De gente ficar pateto  
Vejam só como está missa?  
Pedro Velho analfabeto  
A ser profeta queria  
O futuro predizia  
Num discorrer mui correto<sup>10</sup>

Após uma dessas pregações ele revelou a existência de um espírito com o qual tinha “visões”. Seria ele Iracema, uma serpente com cabeça de mulher, que lhe havia garantido a existência de infindável tesouro em pedras preciosas, diamantes, safiras, e ouro – quanto a esta última riqueza o imaginário popular se incumbiu de dar as mais diversas formas: cacho de bananas, carneiro e até a própria serpente em ouro puro. A serpente também se apresenta no imaginário ora elegante, ora com crista.

Um ponto de muita discussão se refere ao sacrifício. Não se ele era necessário, ou ainda sobre a desumanidade de tal ato. Acerca disso é-nos mais claros, não nos cabe julgar se era ou não importante à crença, bem como não resta dúvida da crueldade do ato. A idéia de sacrificar animais em oferenda aos deuses sempre esteve nas mais diversas épocas e civilizações, e em nosso cotidiano continua presente, quer nas religiões afros, quer nas já citadas “rezas”. Contudo Pedro Velho, após o sacrifício de animais, como galos brancos, revelou que a serpente não estava satisfeita e que necessitar-se-ia de sangue humano para desencantá-la. Surge, nesse momento, um elemento novo em nunca contestado – ao que parece – pelos fiéis da gruta, mas que trouxe o pânico para quem não corroborava com a população da gruta. Uma questão ainda não fechada e que muito provavelmente não se chegará a um consenso, é a quantidade de vidas humanas que deveriam ser ceifadas em honra a Iracema. Segundo Numa Reis, no documentário, *a priori*, deveriam sacrificar sete curandeiros, mas motivos que desconhecemos, os fizeram mudar de idéia.<sup>11</sup> Após estes os sacrifícios seriam de pessoas importantes da cidade de Utinga.

---

<sup>9</sup> FANÁTICOS, *Id. Ididem.* p.1.

<sup>10</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 3.

<sup>11</sup> A GRUTA do réptil com cabeça de gente e os fanáticos crentes cortadores de cabeça. Direção: Hugo Mello Passos. Produção: Zorionara Sousa. Salvador: Quadrante, 2002.

Em verdade as primeiras tentativas não foram com pessoas abastadas ou influentes, e sim com agricultores.

De acordo com Francisco havia na gruta sete crianças. Dessas, quatro eram da família de Pedro, inclusive o próprio Francisco, que deveriam ser sacrificadas. Mesmo as mães que não habitavam Boa Esperança estavam amedrontadas pelas intenções de infanticídio propaladas pela região.<sup>12</sup>

Francisco Nunes da Silva ficou conhecido como “Tico da Gruta”, numa alusão a seu nascimento ter se dado na gruta; ele nasceu nesse momento histórico, mas não naquele sítio. Sua juventude foi toda marcada pela mácula de ter “nascido na gruta” e por isso ser valente e perigoso. Nas ruas, as pessoas apontavam e discriminava-o.

Quanto ao infanticídio, nada nos garante um real interesse de Pedro Velho em realizá-lo. Nenhuma fonte nos mostra isso, somente dois relatos do documentário.

A existência de uma lista de nomes tomou as terras desde a gruta até Utinga. Ela hoje aparece nos cordéis e na memória das pessoas – seu número varia de um depoente para outro e é difícil não encontrar uma família que viveu na Utinga de 1968 que não tenha um membro marcado pelo “povo da gruta” – no entanto, talvez, jamais poderemos afirmar, com certeza e em definitivo, quantas e quais pessoas estiveram na mira das lanças. Literatura e memória nos permitem enumerá-las. Três tiveram seus nomes sorteados: Chico das Lages (segundo Novaes ainda fizeram uma expedição para prendê-lo, mas chegando próximo à roça dele uma visão os fez voltar sem nada atentarem contra Chico)<sup>13</sup>; José Antônio da Silva (Zé Preto, foi o único sacrificado em nome da serpente Iracema); Fortunato Bispo dos Santos (Souza afirma que o genro do sorteado e irmão de Pedro Velho nada falou contra o sorteio, Fortunato escapou mas saiu com o crânio quebrado).<sup>14</sup> Os outros seriam: Antônio Muniz (prefeito), João Ramos Marinho (padre), Zé Maria, João Rocha, Zeca Buíta, Antunes, Manoel Rodrigues, Martins, Velha Rita, Edson e Joana (ex-mulher de Pedro Velho que segundo o próprio tê-lo-ia traído).<sup>15</sup> Há, ainda, quem fala que o delegado de Utinga, o Sr. Izaltino Macaúbas dos Santos (Seu Neném), também estaria na lista.

Encontramos em Suess uma possível justificativa para as principais autoridades se fazerem presentes na tenebrosa lista: o conflito com o poder e organização social local.<sup>16</sup>

A vingança é um fator muito presente na Boa Esperança.<sup>17</sup> Fica claro a partir das perseguições à ex-mulher de Pedro e ao padre Ramos, que não havia aprovado o culto na gruta e aconselhou-os a abandonarem o local, o mesmo nunca mais voltou ali. Outro fato importante é a justificativa dada por Aureliano – segundo a Folha de São Paulo “um velho esfarrapado de 57 anos de idade, casado” – à polícia para ter sacrificado Zé Preto: “Zé Preto não prestava e vivia nos criticando”.<sup>18</sup> Segundo Souza, Pedro Velho teria ciúmes de Zé Preto com Joana, que o havia deixado há aproximadamente dois anos por medo das ações de Pedro.<sup>19</sup>

---

<sup>12</sup> A GRUTA do réptil com cabeça de gente e os fanáticos crentes cortadores de cabeça. Direção: Hugo Mello Passos. Produção: Zorionara Sousa. Salvador: Quadrante, 2002.

<sup>13</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 9.

<sup>14</sup> SOUZA, *Op. Cit.* p. 24.

<sup>15</sup> Estes nomes são encontrados em ambos os cordéis, contudo há uma pequena diferença entre os nomes de um e de outro, o que é característico da lista. Em Novaes pp. 10-11; em Souza pp. 7-9.

<sup>16</sup> SUESS, *Op. Cit.* p. 64.

<sup>17</sup> DESALOJADO o grupo de fanáticos e criminosos da Serra da Boa Esperança. *Correio do Sertão*, Morro do Chapéu, 29 fev. 1968, p. 1. Ver também SOUZA, *Op. Cit.* p. 15.

<sup>18</sup> OS FANÁTICOS da Boa Esperança. *Folha da São Paulo. Apud. Correio do Sertão*, 30 abr. 1968, p.4.

<sup>19</sup> SOUZA, *Op. Cit.* p. 16. Ver também *Correio do Sertão*, 29 fev. 1968, p. 1.

Zé Preto mesmo foi um  
 Que Pedro Velho ciuava  
 E pensou que a esposa  
 Com Zé se atracava<sup>20</sup>

O sacrifício seria mediante sorteio e assim ocorreu com Zé Preto. Era a madrugada do dia de São Sebastião (20 de janeiro) quando Pedro Velho dera a ordem. Assim partiu, muito cedo, um grupo de cinco homens, todos armados com flechas e lanças para prender a vítima. Chegaram dois primeiros, cumprimentaram-no e esconderam-se no mato. Ao meio-dia apareceu o grupo todo, Zé Preto foi abordado na entrada de sua casa na roça. Em uma fuga em vão deparou-se com a cancela que, para seu azar, se encontrava amarrada por estratégia de captura usada pelos homens da gruta. Zé é preso e ferido seguindo para a gruta com algumas regiões do corpo sangrando. Sendo entregue a Pedro Velho, o Governador mandou que o prendessem numa madeira fora do salão principal e que esperassem suas ordens.

Algumas testemunhas contam que Zé Preto – um negro, forte e trabalhador - seguia seu calvário sob rogo a Deus e aos Santos e, ainda, algumas lágrimas.<sup>21</sup>

Após uma pregação, à meia-noite, Pedro ordena o sacrifício.

61 Aureliano então  
 Querendo tirar vantagem  
 Disse corta João Calango  
 Este não teve coragem  
 Depois tomou o facão  
 E com sua própria mão  
 Cometeu esta burragem

(...)

63 Olhei de frente pra ele  
 Mandei que olhasse pra mim  
 E lhe disse se prepare  
 Agora vai ser assim  
 Pedir que ele abaixasse  
 A cabeça e não gritasse  
 Pois vai ser triste seu fim

64 Passei por de trás dele  
 E dei uma cutilada  
 O facão estava cego  
 Não cortando quase nada  
 Ai demorei um pouco  
 Desferir igual um louco  
 A cabeça foi ceifada

65 E jorrou bastante sangue  
 Da primeira facãozada  
 O nego ficou de pé  
 Na hora sem dizer nada

69 Pedro Velho muito alegre  
 Pelos cabelos pegou  
 A cabeça de Zé Preto  
 E nas pedras esfregou  
 Mesmo sem ter compaixão  
 Fez isso com as mãos  
 Inda se glorificou

70 Então o chefe mandou  
 Que sumisse com a cabeça  
 Nós jogamos num buraco  
 Antes que eu me esqueça  
 É melhor eu ir falando  
 Vi as formigas carregando  
 Por incrível que pareça

71 Carregando a carne  
 E o sangue que ficou  
 Agarrado nas pedras  
 Que Pedro Velho passou  
 A cabeça do coitado  
 Disse ele endiabrado  
 Que a Gruta consagrou

72 Certo que o Pedro Velho  
 Por ser muito insensato  
 Vestiu logo uma batina  
 Pra praticar outro ato

<sup>20</sup> SOUZA, *Op. Cit.* p. 16.

<sup>21</sup> A GRUTA do réptil com cabeça de gente e os fanáticos crentes cortadores de cabeça. Direção: Hugo Mello Passos. Produção: Zorionara Sousa. Salvador: Quadrante, 2002.

Da segunda ele caiu  
Quando o pescoço partiu  
Ficou só a pele agarrada

66 A cabeça ficou presa  
No corpo daquele moço  
O facão fez foi cerrar  
Tanto a carne quanto o osso  
Daí ficamos olhando  
João Calango separando  
A cabeça do pescoço

67 No final do sacrifício  
Uma esteira nós pegamos  
E o presente macabro  
Ali mesmo enrolamos  
E corremos para a Gruta  
Com a cabeça oculta  
A Pedro Velho entregamos

Pois ficou de prontidão  
Pra receber a visão  
Mandar pegar Fortunato

(...)

74 E foi a nossa derrota  
Aureliano assim falou  
Quando fomos na carreira  
Que nosso chefe mandou  
Pra ir pegar o danado  
Pois o bicho apavorado  
Da nossa garra escapou <sup>22</sup>

Essa narração baseada no depoimento de Aureliano nos mostra a tamanha crueldade praticada pelos fiéis da Boa Esperança. Logo após o ritual com a cabeça do sacrificado, Pedro Velho, como nos revela a estrofe 72 citada acima, ordena a prisão de Fortunato. A expedição fracassada que deveria prendê-lo marca a revelação das reais intenções daqueles homens, e como o próprio Aureliano admite, a fuga de Fortunato marcou a ruína do movimento religioso e o concomitante desespero de Pedro Velho.

A reação de Pedro Velho à desastrosa ação de seus “soldados” talvez tenha sido desencadeada pela consciência de uma futura repressão policial. O Governador já havia sido intimado a depor por ocasião da denúncia de Chico das Lages, mas fora libertado no mesmo dia, pois a polícia o considerou fraco, dando-lhe somente diversos conselhos.<sup>23</sup>

Sabendo do insucesso do grupo, Pedro se jogou de uma pedra alta – há quem fale em 50m. É consenso que Pedro quisera mostrar seu poder e a força que tinha Iracema, no entanto, só conseguiu quebrar o joelho, dificultando sua fuga e tornando-o dependente de sua irmã Justina enquanto estava escondido da polícia no mato.

A chegada de Fortunato à cidade chocou a todos que o viam. Na frente da farmácia do padre Ramos aglomerou-se grande número de pessoas que queriam ver a testemunha e vítima da ação dos homens de Pedro Velho. No outro dia partiu para a gruta uma diligência com o delegado, Izaltino Macaúbas, o prefeito, Antônio Muniz, o soldado Zelito (Joselito do Carmo) e mais algumas pessoas como Herasmo Homero. Ao chegarem à gruta não encontram pessoa alguma. O local se mostrava desabitado – a única marca humana era as construções como fornos e trincheiras feitas desde a ocupação. Segundo os expedicionários, eles chamaram por Pedro, mas não tiveram resposta.

O delegado declarou que Zelito dera o primeiro tiro provocando uma grande gritaria. Mulheres clamavam por Bom Jesus, Senhor do Bonfim e tantos outros Santos; de dentro da gruta os fiéis jogavam pedras.<sup>24</sup> O mesmo ainda confirma que o soldado havia deslocado pedras da trincheira que o protegia, sendo alvo dos homens escondidos no interior das frestas de pedras.

<sup>22</sup> SOUZA, *Op. Cit.* pp. 20-24

<sup>23</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 7.

<sup>24</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 17.

Baleado, Zelito é amparado por Herasmo e todos deixam o local. O soldado é levado para Ruy Barbosa, pois as instalações utingenses de saúde, precárias que o eram, não lhe dariam o devido socorro.

Depois dos acontecimentos, o delegado Izaltino Macaúbas e o prefeito Antônio Muniz foram a Salvador pedir reforço policial à Secretaria de Segurança Pública. Na capital é designado como Delegado Especial o capitão Domingos José de Oliveira Correia, delegado de Itaberaba, que convoca o delegado de Ruy Barbosa, o tenente Otávio Neves de Jesus, segundo todos, com uma força policial.

Segundo reportagem de A Tarde, o reforço adentrou a gruta a 29 de janeiro.<sup>25</sup>

O mesmo jornal noticia a prisão de nove fiéis da gruta nos primeiros dias<sup>26</sup>: Josué, Henrique, Osvaldo, Tiburcio e Valdivino foram os primeiros<sup>27</sup>; Antônio Nunes, Ismael Nunes, João Calango, João Bispo de Souza e Aureliano Neves foram presos depois. Todos foram levados para a detenção de Ruy Barbosa. Aureliano se entregou à polícia de Cafarnaum depois de ter sido negado abrigo na casa de seu irmão nesta cidade.

Osvaldo revelou o local onde haviam jogado o corpo decepado de Zé Preto e foi forçado pelos policiais a resgatá-lo já em avançado estado de putrefação. Ainda foram apreendidos armas, a batina de Pedro, um vestido ensangüentado de Justina, instrumentos musicais e três “boneconas” de pano.<sup>28</sup>

Deu-se uma verdadeira “caçada” aos componentes da gruta e a polícia requisitou a ajuda de Quito, um homem conhecedor da região e bom em reconhecer pegadas no meio do mato. Justina “Valente” só foi presa após alguns dias, quando foi descoberta por Quito e os soldados no momento em que levava o almoço de Pedro Velho, que se encontrava escondido. Justina pressentiu que era seguida, mas de nada adiantou sua estratégia de esconder os rastros e de esperar escondida para ganhar tempo; a estratégia de Quito, que já estava à frente dela, deu certo e depois de forte luta Justina foi presa seguida por Pedro.

É pelos depoimentos de Aurelino e Antonio que temos acesso aos fatos dessa história. Talvez os mais secretos são conhecidos através das palavras do primeiro, que teve sua versão referendada pelo “Sub Governador” Antônio. Em nenhum momento arrependidos, ambos se mostram conscientes do que participaram e se dizem dispostos a retornar a Boa Esperança e dar continuidade ao culto da serpente Iracema. As palavras de Antônio confirmam isso e revelam a ambição de riqueza escondida na crença.

Seu Doutor (...) é uma miséria o que fizeram conosco. Eles estão querendo tomar tudo nosso, agora que serpente ia ser desencantada. Estou aqui preso, mas um dia eu vou voltar para a gruta, desencantarei a serpente e ficarei rico e poderoso.<sup>29</sup>

Ao saber que o repórter teria contato com Pedro, ela manda-lhe um recado

Diga ao Pedro que êle vai ficar bom e todos nos vamos voltar para a gruta. talvez então a ‘visão` nos ensine uma outra forma de realizar o ‘trabalho`, sem ser preciso cotar cabeças. Pode ficar tranqüilo que tudo vai bem<sup>30</sup>

<sup>25</sup> FANÁTICOS de Utinga decepam cabeças”. *A Tarde*. Salvador, 07 fev. 1968. p.1.

<sup>26</sup> FANÁTICOS de Utinga virão para a Casa de Detenção”. *A Tarde*. Salvador, 13 fev. 1968. p.1.

<sup>27</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 19.

<sup>28</sup> NOVAES, *Op. Cit.* p. 19-20.

<sup>29</sup> OS FANÁTICOS da Boa Esperança. *Folha da São Paulo*. *Apud.* Correio do Sertão, 15 mai. 1968, p.2.

<sup>30</sup> OS FANÁTICOS da Boa Esperança. *Folha da São Paulo*. *Apud.* Correio do Sertão, 15 mai. 1968, p.2.

Apesar de não estarem arrependidos, Antônio admite querer outra forma de alcançar o tesouro da serpente.

Cumprindo o que havia falado Antônio Nunes fugiu da prisão e voltou à gruta trazendo consigo o medo e o temor daqueles que viviam no povoado de Boa Esperança e das fazendas circunvizinhas que denunciaram seu esconderijo à polícia. Sob forte tiroteio, Antônio foi morto pela polícia.<sup>31</sup> O documentário e Souza divergem quanto ao fim de Antônio. Segundo aquele, após a fuga Antônio cometera um outro sacrifício numa outra gruta, mas em nome da serpente encantada.

Pedro Velho foi absolvido por num primeiro julgamento. Um segundo o condena, considerado louco é mandado para um sanatório de onde foge e é recapturado, chegando a seu fim preso e acorrentado.<sup>32</sup>

Podemos afirmar que o verdadeiro começo da prática dos objetivos da crença de Pedro Velho se confunde com o início de seu fim. É o alarme do sacrifício de Zé Preto e a fuga de Fortunato que mostram materialmente as idéias que rondavam Boa Esperança e, portanto, aumentam o medo dos habitantes de Utinga e região. As pessoas se recolhiam mais cedo e reforçavam as portas da casa. Testemunhas falam que muitas pessoas armadas faziam vigília à noite. Os adultos usavam o universo da Boa Esperança para amedrontar as crianças. A simples menção de nomes como Pedro Velho faziam-nas aquietar-se por medo. O próprio cordel de Otacílio foi visto mais tarde, por alguns, como objeto maléfico somente pelo seu conteúdo, isso não foi um ato coletivo, mas alguns exemplares foram destruídos por tal causa.

Para além da região em que se concentraram as ações, notamos um preconceito na crença de Pedro e seus seguidores. Em todas as notícias de jornais, salvo o Jornal da Bahia, que chama-lhes de “grupo de marginais”, denominam-nos de “fanáticos”.

O preconceito atinge as práticas rituais denominando-as de “baixo-espitismo”, o que seria uma conglomeração de características de curandeirismo, catolicismo, espiritismo e até mesmo culto ao Diabo.<sup>33</sup> Este pensamento é mais disseminado pelo próprio meio utinguense, não raros são os depoimentos que relacionam os atos de Pedro e seus fiéis à “tentação do demônio”, a forças más.

\*\*\*

Pedro Velho liderou, em Utinga, um momento histórico ainda não visto naquela região. Talvez, como fala alguns autores, as dificuldades e o desconforto espiritual devido ao clero reduzido tenham sido a chama que deu vida ao pensamento de Pedro, contudo, pode ser que nenhum destes fatores tenha sido realmente o fator propulsor dos ideais de Pedro. Há ainda muito o que se investigar para podermos chegar mais próximo das idéias dos religiosos da Gruta da Boa Esperança.

A promessa de um novo tempo de salvação e riqueza não foi a primeira vez que atraiu pessoas para uma localidade e que se dispuseram a fazer o necessário para obtê-la. O sinal dos fins dos tempos anunciado pelo Governador da Gruta fortaleceu o interesse das pessoas que à Gruta se direcionavam.

---

<sup>31</sup> SOUZA, *Op. Cit.* pp. 31.

<sup>32</sup> A GRUTA do réptil com cabeça de gente... PASSOS, Hugo M.

<sup>33</sup> Agradeço à professora Dra. Edilece Couto por ter mostrado-me o preconceito acerca da expressão “baixo-espitismo”, bem como pelas conversas sobre o tema deste texto e indicação bibliográfica.

O medo disseminado na cidade e na zona rural mudou a rotina de Utinga. A organização de grupos de vigília noturna foi uma marca presente nas longas noites de janeiro de 1968, ainda hoje as pessoas lembram com receio daquele momento ao qual chamam de “terror”. Os atores sociais de Boa Esperança foram caracterizados como monstros, e como já se falou, eram lembrados para amedrontar as crianças.

A prisão e a morte de Pedro não fizeram apagar da memória dos utinguenses aquele fato inédito na Chapada. O povo ainda se pergunta o porquê. Resposta que parece estar longe de alcançarmos, se é que a teremos.

## REFERÊNCIAS

- BELLO, Elione Gomes. *Utinga e o que eu sei de você...* Salvador, 2003.
- FRIDERICHS, Edvino Pe. S.J. *Onde os espíritos baixam – orientação para católicos e evangélicos*. São Paulo: Loyola, 1979.
- Pe. VITTORIO, Pe. PEDRO *et al.*, *Utinga das Águas Claras – entre presente e passado notas de história da Paróquia de Utinga*. 1987. (mimeo)
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- NOVAES, Otacílio. *Gruta da Boa Esperança e seus fanáticos*. sd.
- SOUZA, Dermival Silva e. *A Gruta da Boa Esperança*. São Paulo: CAJCA. 2004.
- SUESS, Paulo Gunter. *O Catolicismo Popular no Brasil – tipologia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1970.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador/São Paulo: Edufba/Unesp. 2001.

## FONTES

- A TARDE*, 07 e 13 fev 1968. (Arquivo da Biblioteca Pública do Estado)
- JORNAL DA BAHIA*, 02 fev 1968. (Arquivo da Biblioteca Pública do Estado)
- CORREIO DO SERTÃO*. 29 fev 1968, 30 abr 1968, 15 abr 1968, 15 mai 1968. (Arquivo do jornal Correio do Sertão, Morro do Chapéu – Ba)

## FILMOGRAFIA

- A GRUTA do réptil com cabeça de gente e os fanáticos crentes cortadores de cabeça. Direção: Hugo Mello Passos. Produção: Zorionara Sousa. Intérpretes: Bernardino Alves Mendes, Andreilino Martins Santos e outros. Roteiro: Hugo Mello Passos. Salvador: Quadrante, 2002. 1 DVD (66 mim), color. Produzido por ÉCRAN Cinema e Vídeo e Pref. Mun. de Utinga.